



**CEAD**  
Centro de Educação  
Aberta e a Distância



**DEETE**  
Departamento de  
Educação e Tecnologias

**PROEX**  
Pró-reitoria de extensão

**REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS**

Revista

do Fórum Internacional de Ideias

Versão em Português

Volume 7, número 2

O Registro e a Transmissão da  
Memória na formação da Identidade  
Brasileira

ISSN: 2527-1377

# Universidade Federal de Ouro Preto

Reitora: Prof<sup>a</sup>-Dr<sup>a</sup> Cláudia Aparecida Marliére de Lima

Vice-Reitor: Prof-Dr Hermínio Arias Nalini Júnior

Pró-Reitor de Extensão: Prof-Dr Marcos Eduardo Carvalho G. Knupp

Centro de Educação Aberta e a Distância

Diretor: Prof-Dr Helton Cristian de Paula

Vice-Diretora: Prof<sup>a</sup>-Dr<sup>a</sup> Kátia Gardênia Henrique da Rocha

Departamento de Educação e Tecnologias

Chefia: Prof<sup>a</sup>-Dr<sup>a</sup> Gláucia Maria dos Santos Jorge

Programa de Extensão Fórum Internacional de Ideias

Coordenador: Professor-Doutor Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva

Bolsistas:

Carolina Fernanda Coelho Soares

Julia Barbosa Massa Correa

Matheus Effgen Santos

Sofia Fuscaldi

## **O Registro e a Transmissão da Memória na formação da Identidade Brasileira**

### **(Segunda Parte)**

Nos dias 06 e 07 de agosto de 2018 o Jardim-Ciência Aziz Ab’Sáber, localizado na Comunidade de Cana-Brava, município de Pureza-RN, promoveu a I Jornada de Vivências e Interatividades “Nossas Aldeias, nossos Povos”, inspirada na frase “se queres ser universal começa por pintar tua aldeia”, atribuída a Leon Tolstoi. A Jornada reuniu pesquisadores de instituições brasileiras e chinesas em palestras apresentadas aos professores da rede pública regional, pessoas da comunidade e convidados. A Revista do Fórum Internacional de Ideias, que tem como objetivo central a divulgação científica, também foi convidada para o evento e aproveita para transformar essa ação em um volume especial com o conteúdo dessas apresentações.

A Jornada, presidida pelo Prof. Dr. José Medeiros da Silva (Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang - Hangzhou-China), contou com a coordenação da Prof<sup>a</sup> Dra. Simone Maria da Rocha (Universidade Federal Rural do Semi-Árido); e a participação da Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Antônia Teixeira da Costa (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte); do Prof. Dr. Antonio Marcelo Jackson F. da Silva (Universidade Federal de Ouro Preto), Prof<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Nadir Arruda Skeete (Instituto Federal do Rio Grande do Norte), doutoranda pela Universidade Federal de Pernambuco; Prof. M.e José Willians Simplicio da Silva (Instituto Federal de Roraima) e Diego Amorim Xavier, mestre em Sociologia pela Universidade de Zhejiang (Hangzhou - China) e doutorando em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (São Paulo). Registre-se ainda a participação do Prof. Dr. Washington José de Souza, do Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Nesta segunda parte são apresentadas as palestras da professora Maria Antônia Teixeira da Costa intitulada “As Tradicionais Bandeirinhas de Touros-RN”, a do professor Antonio Marcelo Jackson F. da Silva intitulada “Onde o Rio é mais Mineiro: as histórias do bairro de Madureira, no Rio de Janeiro”, a do sociólogo Diego Amorim intitulada “As Comunidades Indígenas de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas” e o “Depoimento sobre sua atuação profissional com comunidades e associações”, do professor Washington José de Souza.

Boa leitura!

## **As Tradicionais Bandeirinhas de Touros-RN**

**Maria Antônia Teixeira da Costa:** Boa tarde pessoal, é com muita satisfação que estou aqui em Cana-Brava (Pureza-RN). Nunca pensei, mas, há muitas coisas programadas que nós não imaginamos. Quero iniciar com meus agradecimentos, por intermédio do professor Willians Simplício e a partir daí entrei em contato com José Medeiros e aqui estou. Então, quero agradecer a cada um e cada uma que faz com que isso aconteça. As pessoas que cuidaram da nossa refeição, as pessoas que cuidaram da casa, todas que fizeram com que esse vento estivesse aqui, brilhante. Agradecer pela acolhida de cada um porque fomos todos bem acolhidos com carinho, amorosidade, gentileza. Todos nos receberam com afeto, com imensa gratidão, deixo aqui um abraço em cada um. Pois bem, faz três anos que me aposentei na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, me aposentei cedo, sou jovem ainda, porque comecei a trabalhar jovem. Aos 16 anos, minha carteira já estava assinada. Assim, antes de começar propriamente a minha fala sobre as Tradicionais Bandeirinhas de Touros vou tecer algumas considerações para vocês saberem de que lugar eu falo. Gostaria de dizer que sou filha de um Ferreiro e de uma parteira, professora. Naqueles anos de 1960 ser ferreiro era muito importante. Papai fazia anzóis para os pescadores, aqueles anzóis grandes para os pescadores de Natal. Era também eletricitista, funcionário da Prefeitura de Touros-RN. Era ele que acendia e apagava o motor que dava luz à cidade de Touros-RN. E mamãe fez um curso na Escola de Enfermagem de Natal nos anos de 1950 e foi a primeira Diretora da antiga maternidade de Touros. Um pouco de suas histórias podemos ver nesse links:

<http://tourosrnpPraiaquerida.blogspot.com/2015/>

<http://tourosrnpPraiaquerida.blogspot.com/2015/04/>

Nasci e me criei em Touros, passei parte da minha adolescência. Isso é importante a gente dizer porque os senhores e senhoras professores aqui presentes, precisamos mostrar nossa identidade o que somos, de onde viemos, porque muitas vezes a ideologia neoliberal dominante não permite que a gente que é de origem humilde acredite e lute por nossos sonhos. Então, para que nossos alunos creiam que podem seguir adiante, aqui estamos, diante de exemplos; José Medeiros, Simone e vários outros professores que venceram todas as dificuldades possíveis e hoje são doutores. Então, gostaria de deixar esse recadinho aos professores e professores aqui presentes. Precisamos elevar a autoestima de nossas crianças. Sobre a nossa adolescência em Touros:

<https://tourosrnpraiaquerida.blogspot.com/2013/10/infancia-e-adolescencia-em-touros-nos-4.html>

<https://tourosrnpraiaquerida.blogspot.com/search?q=adolesc%C3%Aancia+parte+I>

Esta comunicação que ora realizamos na I Jornada de Vivências e Interatividades do Jardim-Ciência Aziz Ab'Saber, em Cana-Brava (Pureza-RN) tem como objetivo apresentar a história das Bandeirinhas de Touros-RN em seu contexto histórico na perspectiva de enfatizar a importância das memórias para a construção da nossa identidade, bem como valorizar as nossas histórias locais. Compreendi outros significados para a palavra memória em 1998 na Universidade Federal de Minas Gerais por intermédio da professora Maria de Lourdes Rocha de Lima. Estava me preparando para a seleção do Doutorado em Educação e estabelecia contatos com alguns professores que poderiam me orientar. A professora Maria de Lourdes presenteou-me com sua tese: “A memória educativa no projeto de formação de professores no ensino superior: o fazer é sobretudo criação”. Sua tese foi apresentada em 1995 na Universidade de São Paulo. Com a professora Maria de Lourdes conheci o conceito de memória educativa como um saber necessário à formação de professores e outros referenciais como o livro intitulado: “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, de Ecléia Bosi. Procurei novas leituras indicadas nessas obras e me encontrei com os escritos de Maurice Halbwachs. Comungo com ele ao afirmar que a memória “é um refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”.

Foi com esse pensamento que, novamente, procuramos as pastoras das Bandeirinhas de Touros e realizamos entrevistas orais para reconstruirmos sua história de mais de 100 (cem) anos, além da pesquisa histórica em obra memorialística: “Touros à meia Tinta”, de Geraldo Gonzaga da Costa e narrativas de moradores com mais de 80 anos de idade sobre o contexto da época. Pesquisamos também o livro de Nilson Patriota: “Touros: uma cidade do Brasil”, e a obra de Deífilo Gurgel sobre o folclore.

Qual o contexto histórico das Bandeirinhas? Como era Touros naqueles anos? Como viviam aquelas pessoas? Vocês poderão acessar o endereço da página abaixo no facebook, memórias e Touros e poderão observar a rua da frente, chamada hoje de Av. prefeito José Américo, o Farol do Calcanhar (1912); Pouso de Ferrarin e Carlos Del Preti em Touros-RN (1928); Grupo Escolar General Florêncio do Lago (1927). Touros do tempo das Bandeirinhas era a cidade da poesia nas noites de luar; cantigas entoadas pelas crianças nas areias das ruas, contação de histórias pelos mais velhos em suas calçadas, das apresentações do João Redondo (mamulengo) no Centro Operário Tourense

<https://www.facebook.com/memoriastourosrn/>

Á propósito da história das Bandeirinhas de Touros, histórias orais contadas por pessoas que muitas vezes vivem no anonimato podem ser escritas, é possível vocês escreverem as suas histórias. Hoje de manhã no Jardim-Ciência Aziz Ab'Saber ouvi histórias contadas pelos moradores do lugar, dona Francisquinha, professora e seu Francisco. Aprendi a origem do nome Cana-Brava, a origem da devoção a São Francisco de Assis, conheci a primeira professora da Escola Radiofônica do lugar e quais os métodos que ela usava para transmitir as aulas para seus alunos. Foi uma verdadeira aula, foram mais de 40 minutos em uma roda de conversa. São histórias que muitos aqui presentes poderiam recuperar e reconstruir junto aos seus alunos na comunidade. Porque essas memórias se perderão se nós não preservarmos. Estas memórias precisam ser recuperadas, escritas, socializadas.

As Bandeirinhas de Touros-RN é uma dança folclórica, é um folguedo, é uma manifestação popular em que mulheres dançam e cantam segurando as bandeiras dos santos das festas juninas: São João, Sant'Ana e São Pedro. As festas joaninas, popularmente chamadas juninas, para alguns historiadores tem este nome em homenagem a São João Batista, primo de Jesus e filho de Isabel e Zacarias. João, foi aquele que pregou a vinda de Jesus, é conhecido também como o “batizador”, pois batizou muitos judeus no Rio Jordão, especialmente, Jesus. É provável que essas festas tenham sido trazidas para o Brasil pelos portugueses durante o período colonial. Ver as tradicionais Bandeirinhas de Touros, nesse link abaixo

<https://www.facebook.com/luiz.penha.16/videos/10211388146530304/>

Há informações orais colhidas por mim junto ao escritor Geraldo Gonzaga da Costa, bem como é citado e sua obra: Touros a Meia-Tinta, que as Bandeirinhas se iniciaram antes de 1910. Maria Pereira, tia bisavó da autora (Maria Antônia Teixeira da Costa) fazia um baile ao som da Rabeca, apenas com mulheres em sua casa para comemorem as festas juninas.

Em 1910 chega Joana Pacheco de Areia Branca-RN e vai morar na Rua do Capim que hoje é conhecida como a Rua Ferreira Itajubá. Segundo Geraldo Gonzaga ela era uma mulher refinada, educada, bonita, tudo que você quiser saber de granfinagem, era só procura-la. E para Nilson Patriota foi ela que começaram a dançar no formato das Bandeirinhas.

Nos anos vinte, cita Nilson Patriota, Joana Pacheco passou a Francisca Conduru (Minha tia-avó) à responsabilidade de conduzir a função como Presidente das Bandeirinhas. A seguinte foi Geracina Alsina do Nascimento, que em seguida entrega o estandarte a Josefa Odete de Melo, conhecida por Dona Finha nos anos de 1970. Em 1993 assume Maria Inês, conhecida por Nega que passa para a filha de Dona Finha, Francisca de Assis Cruz, em 2003 e esta para Maria da Paz em 2010.

As bandeirinhas fizeram parte da minha história como filha de Touros especificamente no final dos anos de 1970. Nesses anos as festas juninas e alegravam todo o mês de junho com as fogueiras, com os balões, os fogos de artifícios, as quadrilhas, a capelinha-de-melão e as bandeirinhas. Nas noites alusivas aos santos: São João, Sant"Ana e São Pedro, a cidade se enchia de fogueiras. As famílias se preparavam com antecedência preparando a madeira para fazerem as fogueiras. Os meninos soltavam fogos de artifícios: estrelinhas, traques, cobrinha, chumbinho, entre outros.

Dentre as festividades que permanecem no mês de Junho em Touros, temos as bandeirinhas. O professor e folclorista, Défilo Gurgel, nos afirmou que as bandeirinhas só existem na cidade de Touros.

Com um bom inverno, uma boa colheita a comida era farta à mesa das famílias. As comidas típicas feitas de milho: pamonha, canjica, bolo de milho, cuscuz, milho assado, milho cozido, os quais eram servidos à mesa do jantar, do café da manhã, bem como vendidas nas festas realizadas pelo Grupo Escolar Cel. Antônio do Lago e pelo Ginásio Comercial de Touros. Vejam um pouco da história do Grupo.

<https://tourospraiaquerida.blogspot.com/2017/09/grupo-escolar-general-florencio-do-lago.html>

Em minhas lembranças revejo as quadrilhas organizadas pelos professores do Grupo Escolar General Antônio do Lago e pelos professores do antigo Ginásio Comercial de Touros (hoje chamado Escola Municipal Dr. Orlando Flávio Junqueira). Lembro de uma quadrilha marcada pelo prof. Dr Orlando Flávio Junqueira Ayres, toda em Frances, ou seja, ele falava em francês os passos da quadrilha: sobre Dr. Orlando podemos acessar:

[http://www.folhadomatogrande.com.br/arquivo\\_vivo\\_16.htm](http://www.folhadomatogrande.com.br/arquivo_vivo_16.htm)

Narrarei a experiência da véspera de São João no final dos anos de 1970. Os preparativos das bandeirinhas começam antes do dia de São João. As mulheres participantes dos festejos, se reuniam na casa de Dona Finha, discutiam a cota que cada mulher deveria contribuir, sobre a preparação das comidas, das bebidas, como a meladinha que era mel de abelha, misturado com cana e suco de alguma fruta disponível, maracujá, umbu, limão. Às vezes, quando o dinheiro dava, era servido o vinho tinto.

No dia 23 de junho, por volta das sete da noite, às mulheres começavam a chegar à casa da organizadora principal, relata Dona Finha, e a festa inicia com as mulheres dançando umas com as outras, ao som da Sanfona, tocada pelo único homem que participava da festa. Elas ficavam dançando, mulher com mulher até a meia-noite quando saíam às ruas cantando em louvor a São João Batista.



Durante o trajeto são cantados esses versos abaixo, que foram ditados por Dona Finha e eu os gravei e transcrevi. Esta música é cantada durante o trajeto das bandeiras nas principais ruas da cidade de Touros.

Que bandeira é essa que vamos levar/ É a de São João para festejar (repete)  
Segure a bandeira, não deixem cair/Senhor São João, nos é de acudir (repete)  
Viva São João, viva São José/ viemos adorar, o filho de Izabel  
Filho de Izabel, e de São Zacarias/primo de Jesus, sobrinho de Maria  
Sobrinho de Maria, batizado no Jordão, por ser primo de Deus, chamou-se João  
Que luz mais brilhante, tão resplandecente/cantemos na glória com São João na frente.

Após o trajeto nas ruas principais de Touros com a porta estandarte carregando a Bandeira de São João que era de cor azul com seu desenho no centro feito com aplicações e arremates, trabalho artesanal, feito a mão, as mulheres cantando e soltando fogos se dirigiam ao Rio Maceió para o tradicional banho coletivo. Quanto ao banho das mulheres no rio, no dia de São João, dizem alguns historiadores que teve origem no costume português do banho-de-rio obrigatório no dia do santo precursor em que emergiam o corpo na água, murmurando orações e fazendo pedidos ao santo.

As mulheres me contaram que ao chegarem ao rio livravam-se de suas roupas festivas e se atiravam nas águas do Rio Maceió. Elas cantavam a seguinte cantiga, quando iam entrando no Rio Maceió para o banho. Esta letra abaixo foi cantada por D. Finha em 1985, quando estive levantando a história das bandeirinhas, pela primeira vez, gravei e transcrevi:

“São João foi tomar banho/ Com vinte e cinco donzelas/ As donzelas caíram n’água e São João caiu com elas/ Maria chama Izabel/ para acordar São João/ Para soltar as bandeirinhas/ No rio Jordão/ Acordai, acordai, João/ São João está dormindo/ Não acorda, não”.

Após o banho no Rio as bandeirinhas são encerradas, as mulheres voltam em grupo para suas casas e aguarda-se mais um ano para novos preparativos. Diz a lenda que quem se viu no espelho da água do Rio de corpo inteiro verá outro São João.

Nos anos atuais retornei a Touros para entrevistar outras pastoras, dentre elas Dona Geralda Moura, Maria da Paz. Elas narraram que o grupo das Bandeirinhas havia se dividido em dois grupos. Além disso, o que mudou e o que permanece nas tradicionais Bandeirinhas de Touros? a) não tomam mais banho no rio por causa da poluição b) falta de respeito à cultura por parte da maioria; c) os tipos de bebidas, comidas e vestimentas; d) Antes a dança era realizada na casa das mulheres coordenadoras, hoje acontece no clube dos idosos; e) Após o trajeto nas ruas os homens participam do evento; f) Antes era só uma moça donzela que poderia carregar a bandeirinha, hoje, qualquer pastora pode carregar a bandeirinha na frente das pastoras g) Hoje as pastoras querem a cerveja, não querem mais meladinha não. Naquele tempo quando o dinheiro dava comprava um vinho, quando não, era realmente essa mistura chamada de meladinha; h) As dificuldades continuam, falta de incentivo das autoridades locais.

Para finalizar quero deixar uma mensagem aos professores e professores, a todos que estão aqui nos prestigiando. Não precisamos nos arvorar, empinar o nosso nariz e ser esnoberado porque estudamos e o outro não estudou. O conhecimento maior a escola da vida nos ensina. Precisamos aprender a cada dia diante da imensidão do universo; cada um tem uma história para contar muito importante e precisa ser valorizada, precisamos uns dos outros para seguirmos. E como diz o mestre Paulo Freire, parafraseado por mim: “há saberes relativizados e todos podem ensinar alguma coisa a alguém, aprendemos ao ensinar”. Ao plantar árvores numa das manhãs durante o evento, eu pude observar e pensar: jogar a semente no solo, regar, cuidar e vê-la morrer para florescer e dar muitos frutos, essa é uma das missões do Jardim-Ciência Aziz Ab'Saber, em Cana-Brava (Pureza-RN). Obrigada pela oportunidade e até a próxima Jornada.

### **Onde o Rio é mais Mineiro: as histórias do bairro de Madureira, no Rio de Janeiro**

**Antonio Marcelo Jackson F. da Silva.** O bairro de Madureira não existia até o final do século XIX. Era um terreno vazio, uma fazenda cujo proprietário era um português chamado Lourenço Madureira, dando origem ao nome. Como seus negócios fracassaram, ele começou a lotear essas terras e esse loteamento começa no final dos oitocentos, coincidindo com o término da escravidão; por essa razão uma série de movimentos migratórios tem início, particularmente de Minas Gerais e do Vale do Paraíba, na antiga província do Rio de Janeiro, para a Corte. E o que chamou a atenção? Que migrantes são esses? Eram negros alforriados em sua maior parte, com toda certeza. Por razões do tráfico de escravos da África para o Brasil, as etnias que foram alocadas ali, na região do Rio, São Paulo e Minas, pelo menos até o centro sul de Minas, foram os Bantos, grupo originalmente de Angola e Moçambique. Não custa lembrar que foram três grandes grupos trazidos para o Brasil: os Bantos, alocados no que hoje é o Sudeste brasileiro e com alguma presença na Bahia e em Pernambuco; os Malês, escravos muçulmanos que vão ocupar o norte de Minas Gerais, parte da Bahia e, principalmente, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba, e os Iorubás, que são os últimos a chegar e que vão ficar no Recôncavo Baiano e, posteriormente, migrarão para o Rio de Janeiro.

Os Bantos, que ocupavam Minas Gerais e o Vale do Paraíba no cultivo do café, após a Abolição migram para a cidade do Rio e ocupam áreas desvalorizadas da cidade e, por coincidência, chegam às terras que o boiadeiro Lourenço Madureira estava loteando.

Não custa lembrar que a pessoa quando migra não carrega apenas o seu próprio corpo e suas roupas. Ela carrega seus valores, seus bens imateriais também. Não é à toa que alguns elementos culturais que aparecem em Minas Gerais e no Vale do Paraíba Fluminense chegam em Madureira, a começar por um ritmo musical chamado Jongo, que é um canto de trabalho: ele é equivalente ao Congado ou Reisado, comuns no interior de Minas Gerais e alguns estados do Nordeste.

Retornando a nossa narrativa, então por volta de 1890/1900 o bairro surge e tem sua população aumentada. Eram casas não muito diferentes dessas daqui de Cana-Brava: terrenos grandes com criações de pequenos animais e hortas numa vida pacatamente familiar. Porém, algumas coisas começam a ocorrer na cidade e que terminam afetando o bairro. No final do século XIX chega ao Centro do Rio de Janeiro um baiano chamado Hilário Jovino Ferreira, também negro, porém de origem Iorubá. Ele era muito festeiro e liderava um cortejo de Folia de Reis. Por diversas razões, já nos primeiros anos do século XX, Hilário Jovino defendeu a ideia de que seu cortejo de Reis deveria sair no carnaval - não em 06 de janeiro, como mandava a tradição. Com isso, sem que fosse essa a intenção, os blocos de carnaval que existiam na cidade adotaram o mesmo formato que a Folia de Reis de Jovino possuía, a saber, com estandarte, fantasias, reis e rainhas, e assim, surgia pouco a pouco o desfile de carnaval que conhecemos.

Com certeza a ideia se espalhou e chega a Madureira que adota sem restrições o modelo. Por essa época, 1910, o bairro amplia a sua população com a chegada de outros grupos, particularmente, os Judeus, que dão impulso ao comércio local. Torna-se interessante observar a convivência pacífica entre os Bantos, cuja religiosidade foi a base do denominado espiritismo e, em outra vertente, a Umbanda, e os Judeus, que chegaram a possuir uma sinagoga no local. Na sequência, chegam os protestantes, em 1910 com a construção de um templo da Assembleia de Deus, e, por fim, os católicos com a criação da paróquia de São Luiz Gonzaga em 1914. Não custa registrar que a tolerância religiosa foi uma das marcas de Madureira ao longo dessas décadas iniciais e, de certo modo, até os dias de hoje.

Retornando à nossa história, em 1923 um sujeito que morava no centro do Rio mudou-se para Madureira por razões financeiras: chamava-se Paulo Benjamin de Oliveira e ele também resolve criar o seu Bloco. Vale ressaltar que, nesse momento, já não eram mais

blocos de Reis no Carnaval, eram Blocos de Carnaval, mesmo. Paulo funda um bloco chamado Vai Como Pode com algumas características interessantes a partir de um dilema: como convencer aos pais e mães locais a permitirem que suas filhas participassem da festa? Não nos esqueçamos que, apesar do pequeno comércio que surgira, Madureira ainda era um bairro tipicamente familiar. Dessa forma, Paulo Benjamin bate de porta em porta para fazer o pedido, informando aos pais que no final do desfile ele levaria todas elas de volta para casa – coisa que efetivamente aconteceu.

Uma segunda decisão de Paulo Benjamim de Oliveira também é fundamental: ele percebe que o sucesso de seu bloco e da própria festa do carnaval passava pela divulgação ou não da imprensa. Não custa lembrar que apesar dos primeiros testes terem ocorrido em 1922, o rádio somente irá se popularizar na década seguinte. Assim, eram os jornais que estavam no centro das atenções de Paulo. Aliás, diga-se de passagem, como existiam outros Paulos que atuavam no carnaval, encontraram uma forma de diferencia-lo dos demais: como residia na Estrada do Portela, em Madureira, passou a ser conhecido por Paulo da Estrada do Portela, ou mais simplesmente, Paulo da Portela. E, voltando ao tema, sua ideia de contatar os jornais foi tão primorosa que rapidamente ele se transformou na liderança dos blocos de carnaval e mais à frente do samba na cidade do Rio de Janeiro.

Concomitantemente a isso, um outro sujeito, este nascido em Niterói e que residia na região do Largo do Estácio, muda radicalmente a forma de se tocar o Samba. Para além disso, como se reunia com os amigos num botequim, perto a uma escola de formação de professores, que, lá no Rio, chamávamos de escola normal, ele dizia: *Lá é uma escola que forma professores e aqui é uma escola que forma sambistas. Então, lá é uma escola de professores e aqui é uma escola de samba.* Foi assim que Ismael Silva, esse sujeito originário de Niterói, criou o nome Escola de Samba.

Somando a ideia de Ismael Silva com a liderança de Paulo da Portela muito rapidamente a expressão foi adotada e vários blocos, inclusive, passaram a adotar o nome de escola de Samba – até mesmo o Vai como Pode de Madureira passou a se chamar assim. Aliás, o bairro naquela segunda metade da década de 1920 já não era mais o mesmo. Num piscar de olhos transformara-se no principal centro comercial dos subúrbios e contava com a construção de um mercado municipal e, por coincidência, dois ramais ferroviários passavam por lá, fazendo com que também tivesse duas estações de trem (a estação de Madureira e a estação de Magno, atualmente denominada Mercado de Madureira).

Naqueles agitados anos 20 um conhecido Pai de Santo do bairro do Engenho de Dentro conhecido por Zé Espinguela resolve patrocinar um concurso de samba. Chamou as três principais Escolas que existiam (o pessoal do Estácio, liderados por Ismael Silva e um jovem chamado Noel Rosa; a turma do Morro da Mangueira, sob a liderança de Cartola e Carlos Cachça; e o pessoal de Madureira e Oswaldo Cruz, bairro ao lado, tendo como líder Paulo da Portela. Surgiu um cochicho, dizendo o seguinte: *Quem perder, vai quebrar tudo aqui*. Por isso, o Zé Espinguela, inteligentemente, comprou três troféus e disse que os três grupos tinham ganhado o concurso, ou seja, havia sido um empate.

Não desejando ter qualquer confusão com os grupos, Espinguela desistiu de nova empreitada. Foi então que um jornalista chamado Mário Rodrigues Filho, irmão do escritor e teatrólogo Nelson Rodrigues, e dono de um jornal que falava somente de futebol, aparece na história. Nessa época, não havia Campeonato Brasileiro. O campeonato do Estado do Rio de Janeiro, assim como todos os campeonatos estaduais, começava mais ou menos em maio/abril e terminava em novembro. De dezembro a março não havia tema para se vender jornal. Com a desistência de Zé Espinguela, Mário Filho propôs a Paulo da Portela que seu jornal patrocinasse esse concurso, sendo que, ao invés de um local fechado, fariam um desfile na rua, preferencialmente na região da Praça Onze, Centro do Rio de Janeiro, onde cada escola se apresentaria. É assim que começa em 1930 aquilo que conhecemos como Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Aliás, Mário Filho não apenas foi o criador desse desfile como também dá nome a um conhecido estádio de futebol na cidade do Rio, o Maracanã.

Organizados os desfiles, Paulo Benjamin volta-se para outro ponto. Em geral, a figura do sambista não vista de forma simpática por parte da sociedade carioca. Como solução, ele cria uma de suas frases mais conhecidas, “pés e pescoços ocupados”, ou seja, um bom sambista deveria andar bem arrumado, usando terno, gravata e sapato. Como sua liderança era praticamente inquestionável, a ideia foi rapidamente adotada.

Seguiam os anos e em 1933 um delegado de polícia (todos os Blocos e Escolas de Samba tinham que se registrar na Delegacia de Polícia) sugeriu que Paulo trocasse o nome de sua Escola, pois achava muito feia a forma como se apresentava. Como a sede da Vai Como Pode ficava na Estrada da Portela, não precisou muito para a Escola passar a se chamar Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela

Somando-se a isso, além de mudar o perfil do músico, Paulo começa a falar também em mudar o perfil da Escola de Samba. Já existiam os estandartes e as fantasias; então, ele, juntamente com os demais integrantes, propõe fazer um desfile com um tema único, ou seja, todo o desfile estaria respeitando um mesmo tema. É assim que surge a ideia de enredo e em sequência inventa o samba-enredo, a comissão de frente, a divisão em alas. A Portela inventou todo o Carnaval que vocês conhecem. Com isso, o bairro de Madureira da migração mineira e do Vale do Paraíba, do jongo, da tolerância religiosa, do comércio, passa a ser também a referência do carnaval e dos desfiles das escolas de samba por meio das invenções da Portela.

No final dos anos 1930, já estourando a Segunda Guerra Mundial, o governo dos Estados Unidos cria a chamada “política da boa vizinhança”, buscando apoio dos países da América Latina contra o Eixo, Alemanha, Japão e Itália. Quem veio para o Brasil representando essa política isso foi o Walt Disney, que já era conhecido pelos seus desenhos animados. Já existiam o Mickey, o Pato Donald, entre outros. Quando chega ao Rio de Janeiro Disney é recepcionado por Paulo Benjamim de Oliveira a pedido de Getúlio Vargas. Paulo o leva para a quadra da Portela e chegando lá Walt Disney cria a personagem Zé Carioca: essa personagem é totalmente inspirada na escola de samba de Madureira.

Apesar de todas essas transformações inúmeras coisas das origens do bairro permanecem, como o ritmo do Jongo, que está lá na origem dos imigrantes que vêm de Minas Gerais. Existe o Centro Cultural Casa do Jongo, no Morro da Serrinha. Em 1947, uma segunda Escola de Samba surgiu com o nome de Império Serrano que é berço de grandes compositores como Mano Décio da Viola, Silas de Oliveira, Dona Ivone Lara, Jorge Aragão, Arlindo Cruz. De qualquer maneira, o interessante desse bairro, e assim eu encerro a minha apresentação, é que começa com a migração de escravos alforriados, pessoas pobres que chegam e precisam sobreviver, criando-se um pequeno comércio. Esse comércio cresce devido ao trem e logo vem a música, vem o Carnaval. Vêm essas festividades que são sacralizadas e profanas ao mesmo tempo. E tudo isso se torna referência para o Brasil. Reparem que o tema que dá nome ao nosso encontro, as Aldeias, pode ser universal. E, no caso de Madureira, onde acasos e iniciativas pessoais quando somados produzem coisas maravilhosas. De repente, que seja o Jardim Ciência o acaso, e que seja o José Medeiros a grande iniciativa. Quem é que sabe? O nosso “Paulo Benjamin” de Canabrava, ou José de Canabrava, como será conhecido lá no futuro. Quem é que vai saber? Só o futuro irá dizer. Muito obrigado.

## **As Comunidades Indígenas de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas**

**Diego Amorim.** Boa tarde! É impossível iniciar qualquer fala sem agradecer a oportunidade, não somente por conhecer a realidade de Canabrava, mas dessa experiência que é o Jardim Ciência.

Ressaltamos também a presença não só do pessoal da comunidade, mas de pessoas que vem de fora, pessoas que vem bem de longe como a Ningning e a Jéssica (Yin Chen) que vieram da China; o professor Antônio, carioca, prof. na Universidade Federal de Ouro Preto (Minas Gerais). Eu vim de São Paulo, mas quem vem de São Paulo não tem

muita graça. A Lilian veio que veio do Rio de Janeiro, etc. Então, isso é bem importante e bem significativo.

Eu vou falar hoje com vocês bem rapidamente e partilhar aqui um pouco da minha experiência com os povos indígenas de São Gabriel da Cachoeira, que fica no extremo norte da Amazônia e é a comunidade mais indígena do Brasil em números percentuais. Lá aproximadamente 95% da população é indígena.

Antes de iniciar essa fala sobre São Gabriel da Cachoeira, queria falar uma coisa que para mim sempre foi muito marcante. Eu estava lendo uma matéria e descobri que na década de 1990 um satélite foi enviado pela NASA para explorar a via láctea e, entre várias imagens transmitidas para terra, uma foi do sistema solar. Como era essa fotografia? Ela é conhecida como o pálido azul. À uma distância de aproximadamente 6 mil quilômetros tinha, bem distante, um pequeno raio de luz e nesse raio de luz um pequeno azul, um pálido azul. E aquele pálido azul diante de da imensidão do universo era o planeta Terra. E dentro daquele pontinho, diante de toda grandiosidade do universo estava o nosso planeta com 7 bilhões de pessoas, com toda essa água, com todo esse território, toda a humanidade, incluindo a gente aqui na comunidade de Canabrava.

Estamos dentro de um pequeno pontinho, desse grande sistema, desse grande universo. E a partir disso, eu comecei a fazer umas reflexões sobre como somos insignificantes diante de toda essa grandiosidade do universo e, ao mesmo tempo, o quão importante é nossa trajetória de vida nessa nossa existências. Pois mesmo sendo um ponto quase insignificante dentro desse pequeno pálido azul, é nele que onde ocorrem nossas histórias, nossas trajetórias, os nossos sonhos e as nossas experiências. E pensando um pouco a partir da realidade que eu venho compartilhar, que é a dos povos indígenas de São Gabriel da Cachoeira, eu começo dizendo o seguinte: esse povo, essa população que habita esse território, construída por 3 povos, que são os povos indígenas, os branco e os negros, que formaram isso que hoje nós tentamos reconhecer como civilização brasileira, são fundamentais para a gente remarcar a nossa nova história, talvez, com novos caminhos e percursos.

São Gabriel da Cachoeira fica no extremo norte do Amazonas, na divisa com a Colômbia e com a Venezuela. Quem já foi à região amazônica já percebeu que é algo muito particular. Quando a gente fala em água por exemplo, só para que se tenha ideia, no planeta Terra apenas 3% de toda água é potável e, no Brasil temos 12% de toda essa água, sendo que boa parte deste 12% se encontra na Amazônia.

A região amazônica guarda um grande mistério, principalmente pela força da floresta, pela força das águas e dos povos pela qual ela é formada.

São Gabriel da Cachoeira é formada por 24 povos atualmente, de 24 etnias com uma língua, uma cultura própria e cada uma com uma civilização milenar. Por que São



Gabriel é tão importante para nossa história? Não somente para a história de lá, mas também para nossa história aqui em Canabrava.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, por volta de 1500, basicamente em toda a costa brasileira se falava o Tupi. Existiam duas versões desse Tupi: o Tupi do norte e o do sul.

O Tupi do sul desapareceu totalmente, a gente só fala um pouco, eu não sei em outras universidades, mas lá na Universidade de São Paulo se fala Tupi. A gente usa o Tupi da universidade que já não é mais falado por nativo, mas apenas por estudiosos. E o Tupi no norte foi a língua mais falada em toda a região amazônica até por volta de 1780, por quê? Esse Tupi do norte, na verdade, tem outras denominações. Uma delas é Língua Geral ou Nheengatu. Enquanto o Tupi do sul desapareceu totalmente, o Tupi no norte ficou preservado e está tentando permanecer vivo até os dias atuais.

Somente em São Gabriel da Cachoeira, lá no extremo norte da Amazonas, se fala esse Tupi, o Tupi moderno que é o Nheengatu. E ele foi a língua mais falada da região amazônica até a chegada de uma leva de mais 100 mil imigrantes nordestinos durante a Grande Seca (1877-1879), que fez com que mais de 100 mil imigrantes nordestinos chegassem à região amazônica. E chegando lá, o Nheengatu deixa de ser a língua mais falada e o português se solidifica como a língua mais hegemônica da região amazônica.

O sociólogo José de Souza Martins disse o seguinte em relação aos povos indígenas: “A nossa grande biblioteca nacional, a nossa grande biblioteca do povo brasileiro talvez não se encontre no Rio de Janeiro”. Aquela biblioteca, a do Rio de Janeiro, guarda uma história civilizacional muito importante, sobretudo é uma biblioteca de uma civilização muito importante, que é uma civilização europeia. E é bom que a gente tenha esse tesouro guardado. Mas acima de tudo, para José de Souza Martins, a nossa grande biblioteca está entre os povos indígenas da Amazônia.

Eu sou sociólogo por formação, então a área das Ciências Sociais, sobretudo Sociologia e Antropologia, é uma área muito próxima e que tenho particular atenção. A gente na Antropologia, no caso do Brasil, tem uma preocupação sempre com o estudo dos povos indígenas porque é um material humano de pesquisa direto. Se você for pensar atualmente no mundo, não existe um lugar que não seja conhecido em função da globalização, das técnicas de geoprocessamento e de mapeamento. Todos os lugares do mundo nós já conhecemos. Não tem nada que possa ser descoberto, pelo menos aqui nesse planeta. E em relação aos povos também quase todos já foram descobertos, todas as suas histórias já foram descobertas. No entanto, se existe alguma coisa no âmbito antropológico a ser conhecido, está entre povos indígenas da Amazônia. E a possibilidade de ser da Amazônia brasileira é muito grande, de forma particular de São Gabriel da Cachoeira.

Para que vocês tenham uma ideia para você chegar a São Gabriel da Cachoeira de Manaus, o jeito mais comum, o jeito que a população vai de forma geral é o seguinte: pega-se um barco por 2 dias, subindo o Rio Negro até chegar em São Gabriel da Cachoeira. Quando você vai visitar as comunidades mais distantes, indo de “rabetá”, que é um pequeno barco movido a um motor, que parece o de um liquidificador, às vezes você precisa de 9 dias para chegar até esses povos. É curioso que essa é a realidade de muitas pessoas, para ter acesso à bancos ou outras coisas bem simples, uma realidade de 9 dias; essa também é a nossa realidade enquanto povo brasileiro.

Hoje, ouvindo um pouco dos relatos aqui, eu descobri que as histórias de Canabrava, a história de Touros, a história do Rio Grande do Norte são também a minha história. Talvez não seja o meu local de origem, mas esse composto também faz parte da minha história. E por que São Gabriel da Cachoeira faz parte da nossa história? Porque o nosso processo de formação enquanto sociedade, enquanto civilização, tem uma carga indígena muito forte e muito marcante, e isso também é nosso.

Quando a gente diz sobre o quão é importante a preservação dos povos indígenas, da conservação da cultura indígenas e de outras também, como a professora Maria Antonia retratou sobre Touros, a questão das bandeirinhas de Touros. Eu fiquei impressionado: nossa, isso também faz parte da minha história. Independente da minha história pessoal, as bandeirinhas de Touros faz parte da minha cultura e, defender essa história aqui é defender a nossa própria história enquanto civilização.

O brasileiro é bonito lá fora, mas internamente a gente não se acha um povo bonito, a gente não acha nossa história bonita. E justamente nessas defesas que estão nossos caminhos.

O Jardim Ciência talvez tenha um pouco dessa proposta, a gente tentar trabalhar com essa questão buscando não apenas um alto teor acadêmico de conhecimento, mas partir de dentro das nossas realidades.

Ter várias crianças aqui aproveitando a palestra me deixa bastante emocionado. Eu sempre digo para aqueles que tiverem a oportunidade de conhecer a região amazônica, a primeira coisa que precisamos fazer é a desmistificação dos povos indígenas. Conhecer São Gabriel da Cachoeira faz com que você perceba isso perfeitamente. O indígena, de forma geral, é visto como algo do passado e quando a gente quer ver os índios, quer perguntar se ele está pelado, se ele fica pescando o dia inteiro, se passa o dia inteiro dormindo e a gente percebe que a realidade é muito diferente.

Eu venho auxiliando lá na formação do cooperativas indígenas no projeto chamado Mawako (que é um instrumento de sopro). No projeto, com as cooperativas de trabalhadores indígenas a gente visa, por exemplo, dar acesso a essas populações indígenas que produzem muita coisa na sua lavoura, nas suas comunidades bem

isoladas, a coisas bem elementares como comida. E a gente se pergunta se é possível diante da grandiosidade da selva amazônica que ainda queiram comida.

São Gabriel da Cachoeira, em 2012, basicamente as pessoas sofreram por duas mazelas sociais: a primeira é o suicídio e a outra é a desnutrição. São Gabriel da Cachoeira, em 2012, teve o maior índice de suicídio do mundo, chega a ser assustador isso porque se você analisa os números, os dados mundiais dizem que, geralmente, a média de taxa de suicídio é de 5 casos a cada grupo de 100 mil habitantes. No Brasil, a média geralmente é essa, 5 casos a cada grupo de 100 mil habitantes e em São Gabriel da Cachoeira, em 2012, foram 50 casos por grupo de 100 mil, 10 vezes mais que a média nacional.

Existem várias justificativas, várias análises. Uma das mais recorrentes é que os nossos jovens indígenas cometem suicídio basicamente porque não vêem nenhuma perspectiva de trabalho, de emprego, de melhora no seu futuro. E não é porque são indígenas que esses jovens não têm vontade de ter um celular, ter internet e coisas assim.

Uma outra causa de mortalidade em São Gabriel da Cachoeira é a mortalidade infantil. Eu fui ao cemitério de São Gabriel da Cachoeira - e eu já andei muito em cemitérios porque faz parte um pouco do meu trabalho de investigação antropológica - e observei que em torno de 30 a 40% das covas são infantis. Cemitério é um lugar de velhos, não é lugar, sobretudo, de crianças.

Como é possível que em nosso país onde batemos recordes na produção de alimentos as pessoas ainda morram de fome? Quando você pensa em relação à soja, facilmente batemos 200 milhões de toneladas, ou seja, mais de 1 tonelada por habitante e as pessoas ainda morram de fome? E por que precisamos saber dessa realidade? Porque essa realidade de São Gabriel da Cachoeira é a nossa realidade.

A experiência do Jardim Ciência, em que você traz a presença de professores, acadêmicos, intelectuais, histórias de vida dentro de uma pequena comunidade, de um pequeno município no interior do Rio Grande do Norte, é uma experiência única. Nesse exemplo se constata que todas as pessoas, que todas as nossas histórias, as nossas trajetórias são importantes. E aqui podemos falar, sobretudo para as crianças, que elas podem ser o que elas quiserem ser e de que nossos sonhos muitas vezes podem ser maiores do que a realidade. A experiência do Jardim é justamente essa.

Quem poderia imaginar que uma pequena criança de Canabrava, bem no interior do Rio Grande do Norte, é atualmente um dos acadêmicos mais respeitados nos estudos das relações Brasil-China? Hoje, quando eu vejo aqui o professor José Medeiros e descubro que assim como ele conseguiu chegar até lá, ser um acadêmico brasileiro na China, qualquer criança nesse país, seja do norte ou sul, um garoto indígena de São Gabriel da Cachoeira que não tem a menor perspectiva de mundo, pode também chegar, ou simplesmente permanecer lá em São Gabriel, mas por opção.

Essa experiência do Jardim-Ciência é única. Eu já rodei muito por várias universidades pelo mundo e eu nunca vi uma experiência tão magnífica, tão grandiosa e tão revolucionária como essa.

Eu fico orgulhoso de conhecer um pouco da história do Jardim Ciência, agora pessoalmente. A gente pensa sempre no futuro, mas o nosso futuro muitas vezes não precisa estar condicionado a uma distância curta, pode ser um futuro contínuo e um projeto de futuro contínuo.

Eu finalizo agradecendo e acho que nas rodas de conversa que a gente consegue compartilhar um pouco mais e, mais uma vez, obrigado e um abraço a todos!

## **Depoimento sobre sua atuação profissional com comunidades e associações**

**Washington José de Souza.** Inicialmente, é um prazer estar aqui. Vim porque tenho uma história com Mato Grande, porque em 2009 começamos um trabalho com a juventude e, inclusive, há uma jovem aqui que foi do nosso projeto.

Eu sou do Departamento de Ciências Administrativas, de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e coordeno um curso de Gestão de Cooperativas para o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Então posso dizer que tenho um pé muito forte na agricultura familiar em virtude do curso que coordeno pelo PRONERA e também pelo fato de que eu estou nessa área desde 2001.

Iniciei minha carreira na Universidade e depois vim para Natal para uma vaga de Associativismo e Cooperativismo e, desde então, milito nessa área no departamento de Ciências Administrativas. Aqui nós temos o Willian, Patrícia, Geraldina e Gaspar que foram meus alunos nesse curso de especialização na primeira turma que ofertamos no edital do NDA em 2010 e 2011, inclusive com aulas itinerantes.

Então, minha história no Mato Grande é muito vinculada à agricultura familiar e eu vim para rever meus amigos, especialmente o Willian que está muito distante da gente (atualmente professor em Roraima). E foi bom encontrar o pessoal, principalmente o prefeito do município e sua equipe.

Temos um trabalho em Bernardo Marin, que é um assentamento aqui do município - e esse trabalho já tem um histórico de uns 3 ou 4 anos organizando um grupo produtivo de homens e mulheres. A gente tem uma história com o município e o que me traz aqui é exatamente essa história. Então vamos construindo uma história, apesar de ser bem recente a minha história aqui no Mato Grande, iniciada a partir de 2009. Por exemplo, nós marcamos uma reunião em Bernardo Marin para tratar do acesso dos produtores de lá ao programa de merenda escolar do município.

Eu tenho doutorado em educação e graduação e mestrado em administração, mas o meu foco na administração é associativismo, cooperativismo, a economia solidária, serviços populares.

Hoje nós temos um projeto grande lá em Natal de acompanhamento do setor de artesanato de grupos associativos, de mulheres mais de periferia basicamente. Nós trabalhamos com artesanato e com o coletivo de agricultura familiar de associações e cooperativas especialmente a reforma agrária em virtude do fato de eu coordenar um curso de graduação no PRONERA, com muita dificuldade.

O governo federal atual desmantelou por completo o PRONERA. Para vocês terem uma ideia, no governo de Dilma nós tivemos um orçamento de 30 milhões para a educação

na reforma agrária. No primeiro governo de Temer foram 16 milhões e este ano só temos 4 milhões de orçamento. Então é um desmonte total, uma dificuldade imensa de trabalhar com a agricultura familiar.

O professor Diego falou sobre os povos indígenas e imagino como isso está ecoando lá na Amazônia porque para nós é muito difícil trabalhar com esses segmentos. Da reforma agrária também participam os quilombolas e é uma outra dificuldade de inserção. As bolsas que eles tinham de permanência na universidade foram cortadas. Ontem um aluno me comunicou que muitos dos alunos estão sem essa bolsa a que eles tinham direito.

Então é isso; estou muito feliz de estar aqui e saber que a ciência está chegando, como o professor falou há pouco. Fico muito orgulhoso de ver a ciência chegando em uma comunidade rural, eu acho que isso tem um efeito imenso para a comunidade, e especialmente por encontrar acadêmicos aqui, eu acho que isso é uma riqueza muito grande e não é comum a gente encontrar tantos acadêmicos discutindo ciência e história em uma comunidade rural. Muito obrigado!